



issn: 2176-5960

Προμηθεύς
journal of philosophy

N. 29 January April 2019



DO *TELOS* ESPIRITUAL DA HUMANIDADE EUROPEIA À TELEOLOGIA ORIGINÁRIA NA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Carlos Cortes Tourinho
Doutor em Filosofia pela PUC-Rio.
Professor Assistente do Departamento de Filosofia da UFF
e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFF

RESUMO: Dividido em duas partes, o presente artigo tem os seguintes objetivos: 1) mostrar que a crítica de Husserl ao naturalismo nos conduz a uma “teleologia oculta”, responsável pela saúde espiritual da humanidade europeia; 2) analisar os elementos constitutivos de tal teleologia, revelando a ideia diretriz de constituição das ciências como uma “ciência autêntica”, bem como uma teleologia mais originária, inerente à vida intencional, na qual se fundam os juízos científicos.

PALAVRAS-CHAVE: Edmund Husserl. Naturalismo. Teleologia. Ciência. Intencionalidade.

ABSTRACT: Divided into two parts, the present paper has the following objectives: 1) to show that Husserl's critique of naturalism leads us to a "hidden teleology", responsible for the spiritual health of European humanity; 2) to analyze the constitutive elements of such teleology, revealing the guiding idea of the constitution of sciences as an "authentic science", as well as a more primitive teleology inherent to the intentional life on which scientific judgments are base.

KEYWORDS: Edmund Husserl. Naturalism. Teleology. Science. Intentionality.

1. Introdução

Um olhar atento sobre o itinerário husserliano no século XX permite-nos dizer que a reiterada crítica de Husserl à doutrina naturalista (para a qual pensar o mundo consiste em pensá-lo como uma realidade de fatos naturais, na qual se encontra incluído o próprio homem como ente psicofísico) revela-nos um caminho – das origens da fenomenologia às reflexões sobre a crise da cultura europeia – por meio do qual deparamo-nos com o importante tema da teleologia. Se num primeiro momento, ainda nas *Investigações Lógicas* (1900), bem como nas lições do período de Göttingen (de 1902-1909), o esforço husserliano concentra-se, com a referida crítica, em denunciar os contrassensos teóricos inerentes à aceitação da doutrina naturalista (assumida como uma espécie de “solo” para a fundamentação das ciências positivas), já a partir da década de 20 e, sobretudo, no período dos anos 30, tratar-se-á de denunciar os perigos de tais contrassensos para a formação da mentalidade do homem europeu. Em tal período, Husserl é levado a apontar o poder de degeneração dos preconceitos naturalistas assumidos pela humanidade europeia no Entre Guerras, bem como o que reverteria, como uma *medicina mentis*, o adoecimento espiritual de tal humanidade. Husserl não hesita, na conferência de Viena (1935), em convocar o homem europeu a reviver o que foi esquecido, aspirando ao renascimento de uma “racionalidade efetiva” (*wirklichen Rationalität*) que, ao triunfar sobre o naturalismo, uma vez mais, uniria esta mesma humanidade, regenerando-a, ao reconduzi-la, através do ideal da razão filosófica, ao seu solo espiritual originário.

A denúncia dos perigos do naturalismo para a cultura e, portanto, como Husserl afirma ao final da conferência de vienense, do “perigo de todos os perigos” (*Gefahr der Gefahren*), remete-nos para a etiologia da enfermidade espiritual do homem europeu. Para o autor, a crise vivida por esta mesma humanidade somente poderia ser revertida com o restabelecimento da posição filosófica, por meio da qual o homem (enquanto *animal rationale*) atribuiria sentido racional ao mundo e a sua próxima existência, conferindo à sua vida um caráter universal. Aos olhos de Husserl, tal posição se tornou “nativa” (*eingeborenen*) à Europa, assumindo, assim, a função diretriz na evolução espiritual da humanidade europeia. E é justamente aí que nos deparamos com a ideia husserliana de uma teleologia imanente à Europa, responsável, de acordo com Husserl,

pela saúde espiritual do homem europeu.

Uma análise breve de tal teleologia nos faz passar do ideal da razão filosófica de contemplação de metas infinitas para as ciências que, como “regiões espirituais”, consistiriam em ramificações da própria filosofia. Tais regiões teriam, por sua vez, uma teleologia própria que as guiaria: a de pretender realizar, por um esforço contínuo, a ideia diretriz de se constituir como uma “ciência autêntica” (*echter Wissenschaft*), conforme salienta Husserl, já no começo de *Meditações Cartesianas* (1931). A atividade científica avança, por aproximações sucessivas, na obtenção do conhecimento, na demonstração de hipóteses. Todavia, se a ciência exerce, de tempos em tempos, a corrigibilidade de suas conjecturas, tal movimento converge, segundo Husserl, para aquilo que as ciências aspiram, como um fim ideal: alcançar verdades “válidas uma vez por todas e para todos” (*ein für allemal und für jedermann gültig*). Trata-se, portanto, poder-se-ia dizer, de uma “segunda camada” teleológica, ramificada da própria filosofia.

Tal camada nos remete, por sua vez, salienta-nos Husserl, para uma teleologia mais originária, dado que, ao asserir predicacões sobre os objetos, a ciência não quer apenas formular juízos acerca dos mesmos, mas fundá-los na evidência. A evidência predicativa implica, aos olhos de Husserl, em uma evidência pré-predicativa que, no plano sensível, supõe uma coisa visada, cuja presença à consciência assegura-nos a sua evidenciação. Através da evidência, a intenção vazia preenche-se intuitivamente. Como Husserl esclarece desde *Investigações Lógicas* (1901), se a intenção significativa aspira a tal preenchimento, no caso da percepção, cada grau de preenchimento aspiraria, tendendo para o aclaramento gradativo do objeto visado, a um ideal de preenchimento definitivo (*Ideal der letzten Erfüllung*), tendo como fim a perfeição da adequação entre o ato intencional significativo e seu preenchimento intuitivo. Tratar-se-ia, portanto, de uma camada teleológica inerente à vida intencional.

Somos, então, conduzidos de um *telos* espiritual que guiaria a humanidade europeia para uma teleologia mais originária, imanente às regiões espirituais, ramificadas da própria filosofia. Se a crítica ao naturalismo nos faz passar das origens da fenomenologia para o período das reflexões sobre a cultura, a análise desta teleologia imanente à humanidade europeia nos permite fazer o movimento inverso: das reflexões sobre a crise da Europa à distinção propedêutica em fenomenologia entre “intenções de

significação” (*Bedeutungsintentionen*) e “preenchimento de significação” (*Bedeutungserfüllung*). Eis a hipótese que o presente artigo pretende investigar.

Dividido em duas partes, o artigo tem, então, os seguintes objetivos: 1) mostrar como que a crítica de Husserl ao naturalismo, ao passar de uma denúncia dos contrassensos teóricos para os contrassensos ético-sociais, conduz-nos a uma “teleologia oculta” (*verborgene Teleologie*), responsável, aos olhos do autor, pela saúde espiritual da humanidade europeia; 2) analisar os elementos constitutivos de tal teleologia, promovendo a abertura de “camadas teleológicas” que nos conduziriam, em um movimento inverso ao anterior (das reflexões sobre a crise da cultura europeia às origens da fenomenologia), ao que há de mais elementar em fenomenologia: o tema da evidenciação, isto é, da presença intuitiva das coisas à consciência. Tal tema reconduz, obrigatoriamente, ao conteúdo introdutório à teoria das intuições em Husserl: a síntese entre os atos intencionais significativos e seus preenchimentos intuitivos, sem a qual as ciências não poderiam fundar na evidência o que asserem sobre os objetos, inviabilizando o próprio conhecimento e, por conseguinte, o avanço das ciências em direção à ideia reguladora de uma “ciência autêntica”.

2. A crise da humanidade europeia e sua “teleologia oculta”

Um olhar atento sobre o longo itinerário traçado por Husserl (do final do século XIX aos anos trinta) permite-nos notar a preocupação continuada do autor em denunciar os problemas de fundamentos inerentes à concepção naturalista, segundo a qual pensar o mundo consistiria em pensá-lo tão somente como uma realidade de fatos naturais. Concepção essa, para a qual o próprio homem – enquanto um ente psicofísico – seria concebido como um mero fato natural. Como alerta Husserl, em “A filosofia como ciência de rigor”, artigo publicado em 1911 para o primeiro número da *Revista Logos*: o cientista natural tende a considerar tudo como natural, fazendo com que o “psíquico” (pensamentos, emoções, crenças, desejos, etc) consista em uma “mera variação dependente do físico” (HUSSERL, [1911] 1965, p. 13). Poder-se-ia dizer que tal doutrina equivaleria a uma espécie de “solo” das ciências positivas da natureza. A própria psicologia – em seu projeto de se constituir como uma ciência positiva no último quarto do século XIX – não hesitou em se aliar ao método experimental das ciências naturais, compartilhando, com as mesmas, os pressupostos do naturalismo que

lhes serviam de base. Tal projeto motivou, ao final do mesmo século, tendo como inspiração o paralelismo psicofísico de Theodor Fechner (1801-1887), um elenco de autores – tais como, Wilhelm Wundt (1832-1920), Alexander Bain (1818-1903), dentre outros – para os quais o pensamento teria um correlato fisiológico. Pensar o homem consistiria, a partir de então, em pensá-lo como um ente psicofísico. O próprio pensamento deveria ser traduzido em termos de uma “física” ou “fisiologia” do pensar. Eis o cenário naturalista dentro do qual ganharia contornos mais nítidos o que se convencionou chamar de “psicologismo”, designação para iniciativas que procuravam tomar o conteúdo ideal do pensamento em termos de uma realidade psicofísica, fazendo da Psicologia uma espécie de “filosofia primeira” (HOUSSET, 2000). Husserl não hesita, desde os cursos de Halle, em 1896, em nos chamar a atenção para os problemas de fundamentos nos quais incorrem todas as tentativas psicologistas de fundar, em processos psicológicos, a Matemática, a Lógica, bem como a própria Filosofia. Como o próprio autor reitera, em 1900, já nos primeiros capítulos de *Prolegômenos à Lógica Pura*, volume propedêutico das *Investigações Lógicas*, apoiado no naturalismo, o psicologismo considera todos os princípios lógicos, as chamadas “leis do pensamento” (*Gesetze des Denkens*), em termos de leis naturais do pensamento, incorrendo, com isso, no contrassenso teórico de confundir o juízo como ato psicológico de pensar com o juízo como unidade ideal da lógica (HUSSERL, [1900] 1913). Denunciar tal contrassenso torna-se um expediente decisivo sem o qual incorremos em um caminho que nos conduz, inevitavelmente, a um relativismo. Afinal, ao atribuir, equivocadamente, um sentido homogêneo aos domínios do “real” e do “ideal”, confundindo as “conexões causais” das ciências da natureza com as “conexões ideais” da Lógica, o psicologismo – produzido pela psicologia de base naturalista – confina o homem a uma relação meramente empírica com o mundo, no qual o próprio pensar (enquanto vivência psicológica) fica confinado a inferir proposições que, extraídas dos fatos, não são senão generalizações vagas da experiência (*vage Verallgemeinerungen der Erfahrung*) que, como tais, não perdem o seu cariz contingente. As portas abrir-se-iam para um relativismo, para o qual o pensar estaria destinado ao assédio do que é contingente e, portanto, do que resiste a uma “indubitabilidade absoluta” (*absolute Zeifellosigkeit*), impetuosamente aspirada por Husserl.

Se Husserl não perde de vista, no curso do seu itinerário, a vigência de tal

denúncia, tornando público os equívocos psicologistas (sob pena de ele próprio incorrer no contrassenso teórico que é o alvo da sua denúncia), a partir de 1911, nota-se a preocupação do autor em denunciar os perigos que a doutrina naturalista traria para a formação da mentalidade do homem europeu, para além dos problemas de fundamentos nos quais incorre. Daí Husserl dizer, logo na introdução do referido artigo de 1911: os contrassensos teóricos resultantes do naturalismo são, inevitavelmente, seguidos por contrassensos ético-sociais que, por sua vez, representam um “perigo crescente para a cultura” (...*eine wachsende Gefahr für unsere Kultur*) (HUSSERL, [1911] 1965, p. 12). É como se Husserl anteviesse, poucos anos antes da Primeira Guerra, os caminhos perigosos trilhados por uma humanidade cuja formação estaria amparada por uma doutrina para a qual pensar o homem consistiria em pensá-lo como um fato natural, reduzindo-o a uma realidade de fatos passíveis de verificação objetiva e de tratamento numérico. Se essa nova preocupação se manifesta timidamente em 1911, em torno de 1918, com um número crescente de alunos ex-combatentes a procura de um sentido que lhes permitisse compreender o desfecho trágico de uma humanidade outrora orgulhosa do ideário positivista, Husserl intensifica, em Freiburg, suas reflexões sobre a crise da Europa (VÁSQUEZ, 2012).

Tal preocupação expressar-se-ia, oficialmente, nos artigos publicados em 1923 para a revista japonesa *Kaizo*. Logo no primeiro artigo, intitulado “Renovação. Seu problema e seu método”, deparamo-nos com o diagnóstico husserliano acerca da referida crise. Tomada por preconceitos naturalistas, a humanidade europeia encontrar-se-ia cada vez mais distante da crença no exercício de uma racionalidade efetiva, capaz de levá-la à aspiração de ideias e ideais absolutos, válidos incondicionalmente, independente de quaisquer acidentalidades. Husserl propõe-nos uma reforma racional da cultura (que não é senão uma reforma da cultura fática), por meio da qual fosse possível afastar o homem europeu da descrença e do pessimismo em relação ao exercício de tal racionalidade, recolocando-o, assim, em um caminho no qual radicaria, aos olhos do autor, o sentido autêntico desta humanidade. Tais preconceitos naturalistas se tornariam, ao confinar o pensamento a uma realidade de fatos acidentais, o principal obstáculo para que o homem europeu atribuísse um sentido racional ao mundo e a sua própria existência, impedindo-o, assim, de reacender, nos termos de Husserl: “A crença que nos preenche – que à nossa cultura não é permitido se dar por satisfeita, que ela pode e deve

se tornar reformada através da razão e da vontade humanas...” (HUSSERL, [1923] 1989, p. 5). Se Husserl não nos fala, explicitamente, no artigo de 1923, em “teleologia”, ao menos, reforça uma ideia decisiva para a conferência vienense dos anos 30: o caminho por meio do qual a crise da Europa poderia ser revertida não dependeria de uma “inovação” qualquer, mas de uma “renovação” da referida crença que, para Husserl, restabeleceria a aspiração por pensamentos aos quais se pudesse atribuir, através de uma racionalidade efetiva, validade absoluta e universal.

Em maio de 1935, Husserl manifesta-se, uma vez mais, sobre a crise da Europa, ao proferir a conferência de Viena, intitulada *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. O autor aponta-nos, como no artigo de 1923, a relação indissociável entre esta crise e a “perda da fé” no exercício da referida racionalidade. Na famosa conferência, apresenta-nos um diagnóstico da enfermidade espiritual vivida pelo homem europeu. A consolidação do projeto de naturalização da “vida do espírito” fomentou, na formação da mentalidade europeia, um esquecimento daquilo que, aos olhos de Husserl, nos remeteria à “estrutura espiritual” (*gestige Gestalt*) da Europa, a saber: o surgimento da filosofia (concebida como “ciência universal” de fundamentos absolutos), enquanto uma nova forma cultural, na qual todas as ciências sistemáticas estariam incluídas enquanto suas ramificações (HUSSERL, [1935] 1976). Esta nova forma cultural conduz os homens, por meio de um novo tipo de posição (*neuartige Einstellung*), a um deslocamento do olhar de suas preocupações circunstanciais para “metas infinitas”, transformando-os, assim, na figura de um novo homem cuja reflexão – dada a radicalidade de elevá-lo acima de sua própria individualidade – faz dele uma espécie de “espectador desinteressado” (*uninteressierter Zuschauer*), preocupado tão somente em ver e descrever adequadamente. Trata-se da decisão deste novo homem de consagrar toda a sua vida futura à teoria, de dar a ela um caráter universal. É como se Husserl nos propusesse, no âmbito das reflexões sobre a cultura, um exercício fenomenológico a respeito do fenômeno “Europa”, elucidando o seu sentido primordial. Revela-se, então, por uma espécie de variação imaginária, o que Husserl identifica como *eidōs*, ou núcleo essencial central (*zentralen Wesenskern*), desse fenômeno: o surgimento da filosofia, de uma nova posição perante o mundo e, por conseguinte, de um novo homem (HUSSERL, [1935] 1976).

Tratar-se-ia, mais particularmente, daquilo que, segundo Husserl, guiaria e uniria

essa humanidade para além de suas diferenças culturais. Tal exercício fenomenológico revela-nos, no § 7 de *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1936), uma “teleologia oculta” (*verborgene Teleologie*), responsável pela saúde espiritual do homem europeu (HUSSERL, [1936] 1976). Tais metas infinitas contempladas por este novo homem seriam, portanto, tal como um *telos* espiritual a guiar esta nova humanidade, conferindo-lhe o *sentido* de uma evolução em direção a um polo eterno. Não se trata aqui de uma evolução “biológica”, mas “espiritual”, por intermédio da qual o conjunto da humanidade europeia se unificaria pelo novo espírito crítico orientado para tais metas infinitas. Como afirma Husserl, por mais hostilizadas que estejam entre si, as nações europeias conservam um peculiar parentesco no plano espiritual que as transcende em suas diferenças nacionais. Trata-se, portanto, de um solo espiritual comum – idealizado pela razão filosófica – no qual a humanidade europeia estaria, originariamente, radicada. A perda deste solo (no sentido de um *lhe* “dar as costas”) implicaria, segundo Husserl, na ruína desta humanidade que, reduzida às particularidades geográficas e sócio-culturais, tornar-se-ia refém de um relativismo perigoso. Em meio ao cenário da crise, em tom de manifesto, Husserl não hesita em convocar a reviver o que foi esquecido, fazendo renascer a experiência de uma “racionalidade efetiva” (*wirklichen Rationalität*) que, ao triunfar sobre a visão fática, uma vez mais, uniria esta mesma humanidade, regenerando-a, ao reconduzi-la, através do ideal da razão filosófica, ao seu solo espiritual originário, no qual encontramos a teleologia imamente à Europa que, por sua vez, abrigaria outras teleologias. Abrir-se-iam, então, as portas para uma análise teleológica. Afinal, em tal evolução espiritual, deparamo-nos com um começo e progresso que não são fortuitos, mas, como nos diz Husserl, encontram-se: “fundados na natureza das coisas mesmas” (*in der Natur der Sachen selbst begründeter Anfang und Fortgang*) (HUSSERL, [1931] 1973, p. 53). Passemos à análise em questão.

3. Da ideia teleológica das ciências à teleologia da vida intencional

Uma análise breve da concepção husserliana de um *telos* espiritual da humanidade europeia, bem como das teleologias particulares que *lhe* são inerentes, nos faz passar do ideal da razão filosófica de contemplação de metas infinitas para as ciências que, como “regiões espirituais”, consistiriam em ramificações da própria filosofia. Se Husserl não nos fornece, ao menos, na conferência de Viena, uma

elucidação de tais teleologias, quatro anos antes, logo no começo de *Meditações Cartesianas* (1931), obra resultante das *Conferências de Paris* (1929), dedica-se à análise da ideia central (*Leitidee*) em torno da qual se moveria a atividade científica. Enquanto “regiões espirituais” desdobradas da própria filosofia, as ciências teriam, para além de sua existência de fato, enquanto fenômeno de cultura (*Tatsächlichkeit de Kultur*), uma teleologia própria que as guiaria: a de pretender realizar, por um esforço contínuo, a ideia diretriz de se constituir como uma “ciência autêntica” (*echter Wissenschaft*), conforme salienta Husserl, no § 4 de *Meditações Cartesianas* (HUSSERL, [1931] 1973). A atividade científica avança, por aproximações sucessivas, na obtenção do conhecimento, na demonstração de hipóteses. Todavia, se a ciência exerce, de tempos em tempos, a corrigibilidade de suas conjecturas, tal movimento converge, segundo Husserl, para aquilo que as ciências aspiram, em sentido verdadeiro e próprio (*im wahren und echten Sinne*), como um fim ideal: alcançar verdades “válidas uma vez por todas e para todos” (*ein für allemal und für jedermann gültig*) (HUSSERL, [1931] 1973, p. 53). Deste modo, afirma-nos o autor, nada poderia impedi-las de viver, por um esforço contínuo, o *sentido* do que aspiram, preservando uma ideia clara e distinta do fim almejado. Assim, guiadas por esta “ideia diretriz”, as ciências crêem superar o conhecimento ingênuo, bem como, superar *in infinitum* a si próprias. Trata-se, portanto, poder-se-ia dizer, de uma “segunda camada” teleológica, ramificada da própria filosofia.

A análise dos momentos constitutivos desta ideia teleológica geral (*allgemeine Zweckidee*) para a qual convergem as ciências remete-nos para o impulso de “reviver” (*einleben*) o alcance do conhecimento que, para Husserl, consiste na liberdade de retornar novamente a uma justificação estabelecida ou verdade demonstrada (*ausgewiesene Wahrheit*) como “identicamente a mesma”, fazendo dela própria um bem definitivamente adquirido (HUSSERL, [1931] 1973). Tal impulso científico para a generalidade coloca-nos, por sua vez, diante daquilo que, aos olhos do autor, justificaria o sentido do conhecimento: a “evidência” (*Evidenz*). Nela, a coisa intencionada não é apenas visada de forma distante ou “remota” (*sachfernen*), como objeto de uma intenção meramente significativa. Antes disso, nos é, de certo modo, presente “ela própria”. Trata-se, portanto, do que Husserl considera um primeiro princípio metódico (*erstes methodisches Prinzip*), destinado a reger todos os passos ulteriores: a evidência

da presença da coisa à consciência. Como lembra Husserl, ao asserir predicacões sobre os objetos, a ciência não quer apenas formular juízos acerca dos mesmos, mas fundá-los na evidência, não podendo atribuir validade final (*Endgültigkeit*) a um juízo qualquer se não o tiver extraído do que é evidente, quer dizer, das experiências (“*Erfahrungen*”) nas quais as coisas nos são apreendidas elas próprias (HUSSERL, [1931] 1973). O ato de julgar é uma intenção (*Meinen*) e em geral uma simples presunção (*Vermeinen*) de que uma coisa seja isso ou aquilo. Neste caso, o que é afirmado pelo juízo é apenas coisa ou estado de coisa presumido, ou ainda coisa ou estado de coisa visado (*Sachverhaltsmeinung*). Porém, eventualmente, deparamo-nos com outro julgar intencional (*urteilendes Meinen*), no qual temos, de certo modo, a consciência da presença do que é julgado, ou como gosta de dizer Husserl: a “efetiva doação das coisas” (*die wirkliche Selbstgebung der Sachenreicht*) (HUSSERL, [1931] 1973, p. 54). Tal conversão de um mero julgar intencional em outro no qual a coisa julgada se faz presente à consciência somente se torna possível pela evidência da mesma. No entanto, alerta-nos o autor, a referida conversão pode permanecer no estado de simples “pretensão” (*Prätention*). Esconder-se-á, todavia, aí um fim maior: o ideal que guia constantemente as ciências na sua tendência para a universalidade sistemática do conhecimento.

A exigência segundo a qual o cientista não poderá aspirar a nada de definitivo se não fundar na evidência os juízos que formula será, segundo Husserl, sucedida por outra: a de refletir sobre o alcance e limite da própria evidência em questão, explicitando o grau de perfeição no qual uma coisa qualquer nos é dada. Afinal, a perfeição ideal exigida pela evidencia diferencia-se. Referindo-se a esta nova exigência, Husserl afirma-nos que toda “evidência predicativa implica em uma evidência pré-predicativa” (*Prädikative Evidenz schließt vorprädikative ein*) (HUSSERL, [1931] 1973, p. 52). As ciências aspiram predicacões destinadas a dar à intuição pré-predicativa (*das vorprädikativ Erschaute*) uma expressão completa e adequada. E é justamente o princípio metódico da evidência que deverá reger esta tarefa. A evidência pré-predicativa supõe, por sua vez, no plano sensível, uma coisa visada, cuja presença à consciência assegura-nos a sua evidenciação. Em termos husserlianos, através da evidência da coisa visada, a intenção vazia preenche-se: tem-se um “preenchimento de significação” (*Bedeutungserfüllung*). Passamos de uma mera presunção (*Vermeinen*) do ato que intenciona a coisa visada para a presença (*Gegenwart*) intuitiva da coisa “ela

mesma” (“*sie selbst*”) à consciência. Eis, portanto, como nos lembra Paul Ricoeur (RICOEUR, 1954), o momento no qual o texto de *Meditações* religa-nos a um conteúdo central, apresentado já nos primeiros parágrafos de *Investigações Lógicas*: a distinção e a síntese entre intenções significativas e seus preenchimentos intuitivos¹.

Deparamo-nos, na passagem da mera “presunção” do ato à “presença” da coisa, com uma camada teleológica mais originária. Husserl chama-nos a atenção, no caso da percepção, para os graus sucessivos de preenchimento intuitivo dos atos intencionais, nos quais a evidência diferencia-se, assegurando o aclaramento gradativo do objeto visado (HUSSERL, [1901] 1913). Apresenta-nos, ao final do § 16 da Sexta Investigação, um exemplo desta série ascendente de preenchimento (*Steigerungsreihen der Erfüllung*). O exemplo mostra-nos a passagem de um grosseiro desenho apenas esboçado para um desenho a lápis realizado com mais exatidão. Em seguida, a passagem deste desenho a lápis para uma imagem mais nítida, chegando até a realização de uma pintura com maior vividez. Por fim, a passagem para a presença do mesmo objeto. Nos termos do autor: “visivelmente o mesmo” (HUSSERL, [1931] 1973). Se tais atos intencionais significativos aspiram a um preenchimento intuitivo, cada grau de preenchimento aspiraria, por sua vez, a um “ideal de preenchimento definitivo” (*Ideal der letzten Erfüllung*), tendo como fim a “perfeição da adequação” (*Vollkommenheit der Adäquation*) entre o ato intencional significativo e seu preenchimento intuitivo. Cada grau de preenchimento seria mais ou menos perfeito. Imperfeição (*Unvollkommenheit*) equipara-se à incompletude (*Unvollständigkeit*). As evidências imperfeitas são unilaterais, relativamente obscuras, além de indistintas quanto ao modo pelo qual as coisas nos são dadas. Enquanto aspira por uma perfeição ideal, a experiência encontra-se viciada por componentes da intenção significante que não foram preenchidos ainda por uma intuição correspondente. O aperfeiçoamento opera-se, então, numa “progressão sintética” (*synthetischer Fortgang*) de experiências concordantes (*Einstimmiger Erfahrungen*). Em tal série de preenchimentos, tratar-se-ia, portanto, de uma camada teleológica inerente à vida intencional, de uma “teleologia de realização” (SHÉRER, 1969), ou ainda de uma “tendência intencional” (MURALT, 1974). Neste sentido,

¹ Sobre o tema da distinção e da síntese entre intenções significativas e seus preenchimentos intuitivos nas *Investigações Lógicas* (Cf. Tourinho, C. D. C. “Sobre a adequação entre intenção significativa e preenchimento intuitivo nas Investigações Lógicas de Husserl”. In: *Cognitio: Revista de Filosofia*, pp. 361-374).

poder-se-ia dizer, nos termos de André Muralt, que: “Intencionalidade é teleologia” (MURALT, 1974, p. 27). Se o *telos* espiritual da humanidade europeia contém a ideia diretriz que une as ciências, tal ideia remete-nos, por sua vez, para uma teleologia mais originária que lhe é própria.

4. Conclusão

Portanto, se Husserl se refere ao *telos* espiritual da humanidade europeia como uma “teleologia oculta”, a análise da mesma revela-nos outras camadas teleológicas, remetendo-nos, conforme vimos, para uma teleologia mais originária da vida intencional. Se em cada uma dessas camadas deparamo-nos com um começo e um progresso, faz-se necessário acrescentar que tal começo e progresso não são arbitrários (*wählender*), mas, como nos diz Husserl, encontram-se fundados na evidência das próprias coisas. Neste sentido, o tema da teleologia em Husserl remete-nos, inevitavelmente, para um conteúdo propedêutico à teoria husserliana das intuições, apresentado desde os primeiros parágrafos da Primeira Investigação de *Investigações Lógicas*: a distinção e síntese entre atos intencionais significativos e seus preenchimentos intuitivos. O *telos* espiritual que guiaria a humanidade europeia nos remeteria, portanto, para uma teleologia mais originária, imanente às regiões espirituais, ramificadas da própria filosofia. Se a crítica ao naturalismo nos faz passar das origens da fenomenologia para o período das reflexões sobre a cultura, a análise desta teleologia imanente à humanidade europeia nos permite fazer o movimento inverso: das reflexões sobre a crise da Europa à distinção propedêutica em fenomenologia entre “intenções de significação” e “preenchimento de significação”. No primeiro movimento, percebemos como o contrassenso teórico do naturalismo denunciado por Husserl na primeira década se converte em um contrassenso ético-social que, a partir do começo da década de 20 e, sobretudo, nos anos 30, ganha contornos mais nítidos nas reflexões husserlianas sobre a crise da Europa. Tais reflexões revelam-nos, ao menos, um caminho possível para a abordagem da teleologia que, tal como uma “janela”, convida-nos, mediante a análise do referido *telos* espiritual e da descoberta de outras camadas teleológicas, a um movimento que nos reconduz a um conteúdo central das origens da fenomenologia, colocando-nos, por conseguinte, frente ao importante tema da evidenciação dos objetos visados à consciência. O progresso teleológico seria, em última instância, fundado em

tal evidenciação. Se Husserl não hesita em denunciar os contrassensos (teórico e prático) da doutrina naturalista que, por sua vez, serviria de “solo” para as ciências positivas, não deixa, contudo, de propor, com a fenomenologia, uma espécie de “positivismo filosófico” para o qual o “progresso” (*Fortgang*) não estaria relacionado ao êxito das referidas ciências em alcançar generalizações empíricas (inferidas indutivamente da observação sistematizada dos fatos), mas a possibilidade de conhecermos as coisas em sua doação originária, confirmando, uma vez mais, para Husserl, que o impulso da pesquisa deve provir da evidência das coisas, tal como “elas mesmas” se mostram à consciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOUSSET, E. *Husserl et l'énigme du monde*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
 HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Erster Band. “Prolegomena zur reinen Logik”. Halle a. d. S.: Max Niemeyer, ([1900] 1913).

_____ *Logische Untersuchungen*. Erster Band. . Halle a. d. S.: Max Niemeyer, ([1901] 1913).

_____ *Philosophie als strenge Wissenschaft*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, ([1911] 1965).

_____ “Erneuerung. Ihr Problem und ihre Methode (1923)”. In: *Aufsätze und Vorträge (1922-1937)*. *Husserliana*. Band XXVII. Dordrecht / Boston / London: Kluwer Academic Publishers, ([1923] 1989).

_____ *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. *Husserliana* (Band I). Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1931/ 1929] 1973).

_____ “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. *Husserliana*. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1935] 1976).

_____ *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. *Husserliana*. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976).

MURALT, A. *The Idea of Phenomenology: Husserlian Exemplarism*. Evanston: Northwestern University Press, 1974.

RICOEUR, P. “Etude sur les ‘Méditations Cartésiennes’ de Husserl”. In: *Revue Philosophique de Louvain*. Tome 52, Série, n°: 33. 1954; pp. 75-109.

SHÉRER, R. *La Fenomenología de las “Investigaciones Lógicas” de Husserl*. Biblioteca Hispánica de Filosofía. Madrid: Editorial Gredos, 1969.

TOURINHO, C. D. C. “Sobre a adequação entre intenção significativa e preenchimento intuitivo nas Investigações Lógicas de Husserl”. In: *Cognitio: Revista de Filosofia*. Volume 16, número 2 (julho/dezembro de 2015), pp. 361-374.

VÁSQUEZ, G. H. “La Ética Fenomenológica como Responsabilidad para la Renovación Cultural”. In: *Renovación del hombre y de la cultura: Cinco Ensayos / Edmund Husserl*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012, pp. VII-XXXIII.